

Resenha

Tatiana V. Mina Bernardes¹

Livro: Quem educa marca o corpo do outro

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Editora Cortez. 2008.

O livro: “Quem educa marca o corpo do outro” de Fátima Freire Dowbor retrata o esforço de se educar através do outro e para o outro, de conhecê-lo a partir dessa participação do processo de humanização, que é marcado pelas próprias relações estabelecidas entre o educador e o educando. A várias formas de aprender estão marcadas pela maneira como esse contato com o mundo e para o mundo dos outros é ofertado. Falar, sentir, marcar, relacionar são sensações que tornam humano o valor de aprender, são vínculos que vão sendo criados no instante em que se marca o corpo, o pensamento e a ação daquele que tem sede de aprender. Quando atuamos em Educação, nos remete a ideia de ter teorias e métodos pronto, de metodologias fixas, de filosofias para serem aplicadas em sala de aula, enfim, que tenha em cena, um roteiro ensaiado, de frases prontas e acabadas. A autora Fátima Freire Dowbor, tem uma visão defensora e desafiadora ao pensar em educação, filha do saudoso Paulo Freire, dono de um pensamento progressista, humano e dialógico, se permite adotar a mesma filosofia de seu pai, ao olhar a educação como seio da humanidade, de construir e reconstruir ações para otimizar a postura do professor, de encontros e desencontros, de atos que permitem balizar as reflexões do educando e do educador. É interessante de como a autora se prepara para conduzir suas ações para receber o outro, de tecer fios para a capacidade transformadora da realidade, de ser democrático, de superar suas angústias, ansiedades, mas que procura corresponder a uma concepção condizente para aprendizagem e de assumir posturas pedagógicas condizentes para

¹ Pós-graduada em gestão e supervisão escolar / Educação de Jovens e Adultos (UFPI)
Funcionária da Rede Pública Municipal de Teresina/PI. Docente do Ensino Superior. E-mail: michelleTribreiro@hotmail.com

uma prática pedagógica.

A autora afirma sentir-se lisonjeada por ser filha de quem é e considera importante assumir o compromisso de perpetuar o pacto que o pai assumiu com a educação, ou seja, de assumir a educação com uma postura “política” e democrática.

Quem educa marca o corpo do outro, sem sombra de dúvida, seja através de teorias, práticas, de intervenções pedagógicas em que começa o processo de humanização, marcando e sendo marcado pela presença do outro na construção de sua aprendizagem.

A autora Fátima Freire Dowbor, traz em sua bagagem uma vasta experiência que é exposta para todos nesse livro. Dona de uma trajetória itinerante de dar inveja, assevera nesse livro a importância de pensar no outro não como um “depósito bancário”, expressão esta utilizada pelo seu ilustre e saudoso pai Paulo Freire, mas sim, de ter em mente uma concepção democrática da educação.

Fátima Freire, citando o pai, nos diz que: “Paulo Freire costumava dizer que o que nos torna seres programados para aprender é uma característica fundamental do ser humano: o fato de sermos seres inacabados” (DOWBOR, 2008, p. 59). Ou seja, essa concepção engloba o sujeito inacabado, que está inserido no seu processo de aprendizagem, e que tem um modo singular de desejar, pensar, sentir e participar de todo esse ensejo.

A forma de aprender constitui um “referencial”, capaz de ancorar desde a adaptação, processo interativo e a intervenção com respeito para com o aluno. Como ressalva a autora, que educar significa identificar aquele que ensina, de estruturar o sentido objetivo quanto subjetivo, afirmando que o corpo do outro é marcado por quem ensina e aprende, ambos se encontram e dividem o lado da moeda, mas que ao mesmo tempo tem lados diferentes.

Fátima Freire em seu livro ainda destaca que existem dois tipos diferentes de educadores: o autoritário e o democrático. O primeiro é visto como aquele que “castra”, que inibe a aparição do aluno, não dando oportunidade para que ele seja visto, ou seja, não permite que o aluno construa sua aprendizagem através de suas vivências e significações. Já o segundo modelo, o democrático, faz questão que o aluno exponha sua opinião, sua forma de ver as coisas, de assumir seu saber, não tendo medo de dizer e muito menos de esconder aquilo que sabe, ocupa-se do outro, leva tudo em consideração no processo de aprendizagem dele. Prepara-se para receber o outro, nesse ponto leva-se em consideração uma postura afetiva, mas com respeito, de anunciar/denunciar de forma educada, com “jeitinho”, sem magoar. Nessa concepção o educador admira o aluno por “ousar” em suas posições fazendo emergir suas necessidades e curiosidades, sendo a partir dessas vivências surge o que a autora define como uma admirável aprendizagem.

Assim diz a autora,

A aprendizagem se torna significativa quando possibilita a construção de conhecimento. Contudo, não construo conhecimento se não me aproprio dele como pessoa criativa, capaz de pensar e desejar. No entanto, como o processo de aprendizagem é um processo interativo pelo qual ocorrem transferências, para que o educando aprenda, acredito que seja capaz de criar significados, de pensar, sonhar e desejar. Assim, aprender de forma significativa implica construir significados próprios que estão relacionados com a história de vida de cada um e com a sua forma de estar no mundo (DOWBOR 2008, p. 68).

A aprendizagem significativa tem uma visão transformadora, justamente porque propicia a construção do saber pela própria pessoa que a recebe, proporcionando ser protagonista de sua própria história e responsável por suas ações. Ser protagonista no ensinar exige ser modelo, pois se propõe ser exemplo para o outro, pois como dizia o próprio Paulo Freire “ninguém aprende sozinho”, e é verdade, sempre aprendemos sob a mediação de outros.

As vivências nossas de cada dia

É nessas vivências que se conhece o outro, através do cotidiano, de uma conversa, enfim, de qualquer que seja a mediação. O aprender a conhecer o outro permite participar de sua vida, conhecer seus medos, desejos, sonhos e aprende estar em sintonia com o outro.

Uma maneira de reconhecer a aprendizagem dos alunos é utilizar o registro como fonte inerente para otimizar a prática do professor, de modo a perceber como aquela prática os levou a desafios, a descobertas e a vivências extraordinárias. Enfim, aprender a registrar não é um dom que cai do céu ou tampouco um insight que veio em mente e pronto. O registro é muito mais que um instrumento metodológico, e sim, um auxiliar, pois implica na mediação da relação pedagógica que cria uma ponte entre o educador e o educando nesse processo chamado aprendizagem.

A professora Fátima Freire Dowbor, enfatiza de forma ponderada a relação do educar com o lado afetivo, em que destaca não uma afetividade exagerada, mas uma afetividade que em primeiro plano se efetiva pelo respeito, pela capacidade de colocar-se no lugar do outro diante das dificuldades. Ela acredita que o professor que detém todas as qualidades por ela mencionadas, é um referencial cognitivo-afetivo, pois implica em construir um planejamento pensando na aprendizagem do outro, sempre vinculado com a realidade do aluno, com intencionalidade.

Planejar demanda atitude participativa, sendo o professor responsável por organizar o processo de pensar e diante da prática envolver seus alunos a construir sua própria história, é um movimento de troca de experiência. É nessa construção da história, de trocas, que se permitem as significações diante do que se aprende, e sem deixar de ressignificar o que já lhe tinha aprendido. Esse

movimento é reflexo de que o “vai e vem” no processo de aprendizagem contribui para solidificar o ensino-aprendizagem, e que ao se tratar de alcançar objetivos, o professor validou seu aspecto político, pois permitiu obter seus resultados. Como menciona Dowbor (2008, p. 101),

O planejamento, então, vai ganhando força e sentido na prática do educador, o qual, pouco a pouco, vai conseguindo enxergar por meio de seu construir os diferentes momentos de ver, de perceber e de conceber o seu pensar e o do grupo, apropriando-se, assim, do seu “que fazer” pedagógico.

A autora nos leva a compreender que o planejamento ganha força a partir do momento que se pensa na realidade do outro e que esse fazer pedagógico torna-se realidade para a construção da aprendizagem, é ratificar o que a própria autora nos diz: “quanto mais me é permitido ser eu mesmo, maiores são as chances de descobrir meus limites” (DOWBOR 2008, p. 106). Isso quer dizer trabalhar nosso limite, que quanto mais ousamos alcançar tal objetivo, mais flexível fica a prática do professor, pois exercita a sua construção e compreende o que conseguiu.

Assim como seu pai, Fátima persegue na educação os princípios balizares para uma formação política e profissional, principalmente no que se refere a se comprometer com o desenvolvimento de um cidadão crítico, em lutar por uma escola ativa, em abrir os olhos dos profissionais de educação para uma postura pedagógica democrática e humanista, e, além disso, manifestar com sua cidadania um compromisso coletivo e desafiador diante das opressões de um sistema egoísta e apolítico.

Esse compromisso transcende o processo de socialização individual do aluno e inclui, a participação inerente da família, na qual o aluno dela adquire os esquemas básicos e fundamentais para interpretar a realidade. Além desses esquemas que vão estruturando a vida do sujeito, é no seio familiar que se carrega a carga afetiva, atinentes a sentimentos que positivos ou não, necessitam estar presentes nesse processo.

Outra mudança que é enfatizada pela autora, é a transformação que tanto a informação quanto o conhecimento ocupam na sociedade. Devido as mudanças vertiginosas, o ritmo dessas transformações é desenfreado, cada hora, cada minuto surge uma nova informação, o que “obriga” a estarmos sempre atentos, procurando sempre acompanhar cada informação. A escola, segundo a autora deve buscar distribuir esse conhecimento, refletindo sobre e como poderá ser construído, sem “descartar” o que já é presente, mas complementar cada especificidade, para que ambas atuem de forma complementar, descubram um espaço de diálogo.

Uma ideia central desenvolvida no livro é a necessidade do processo educativo incluir a necessidade de se colocar no lugar do outro e fazer tudo com respeito, com solidariedade, com política visando exclusivamente uma aprendizagem de qualidade. Um processo educativo que com

toda certeza vai marcar o corpo do outro, no sentido de ser modelo, de ser exemplo, de fazer valer a aprendizagem, de continuamente, comprometer-se com o outro.

E para finalizar, a responsabilidade e compromisso que tanto Fátima Freire quanto Paulo Freire ratificam, é aquele em que é o diálogo é premente em todas as situações e que esse fator é precípuo para ousar, sonhar, desejar uma escola ativa, cidadã e ativa, capaz de ressignificar a dualidade de funções entre a família e a escola.

Aprender com o outro requer preparação, e muito mais, conhecê-lo é muito mais forte que esperar pelo que ele pode fazer. Esse processo de aprendizagem é marcado pelas próprias relações, de reciprocidade, de afetividade, de vivências pragmáticas em prol do sujeito.

Ensinar não é para qualquer um, nem todo professor nasceu para ser professor, é muito importante e séria essa profissão, apesar de ser muito desvalorizada, mas é óbvio perceber que sem o professor, mestre, não haveria informação, conhecimento e muito menos processo de ensino-aprendizagem.

Antes de sermos professores, educadores, façamos nosso papel de cidadãos, de pessoas humanas, e logo bem a frente, de professores preocupados com o futuro da nação, preocupados com a formação social e política de nosso país e de nossos futuros cidadãos “políticos”.